

Fern. Brant

EDITOR: Ismar Cardona
 SUBEDITORA: Rozane de Oliveira
 TELEFONE: (061)321-2123 / ramais 129 e 163
 FAX: (061)321-3864

CNI prevê um ano decisivo para a economia nacional

Paulo de Araújo

SESI
SENAI
IFEL



Bezerra: a economia só deverá crescer a partir do segundo semestre

Sheila D'Amorim
 Da equipe do Correio

Criação de emprego, aumento da competitividade do setor produtivo e ajuste fiscal serão os grandes desafios da economia nacional neste ano na opinião dos empresários.

A produção industrial deverá apresentar um crescimento gradual entre 2% e 3% ao ano com taxas de juros reais ainda elevadas, variando de 16% e 20%, e uma inflação entre 15% e 18% (IPC anual), menor do que a de 1995 que ficou em 23%.

A balança comercial (importação e exportação) deverá apresentar um desempenho melhor com superávit de US\$ 1 bilhão a US\$ 2 bilhões (mais exportações), ao invés do saldo negativo de US\$ 3 bilhões de 1995.

Esse é o cenário econômico traçado no estudo *Economia Brasileira: desempenho em 1995 e perspectivas para 1996*, divulgado, ontem, pelo presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), senador Fernando Bezerra (PMDB-RN).

Segundo ele, esses desafios passam, necessariamente, pelas reformas em tramitação no Congresso Nacional para serem enfrentados.

Reformas — “Elas são fundamentais para o crescimento do setor a partir do segundo semestre”, observou, destacando as reformas administrativa e previdenciária como essenciais para o equilíbrio das contas públicas, e a reforma tributária, para melhoria da competitividade.

Mas, em ano eleitoral, a aprovação das medidas pelo Congresso preocupa. “Vai depender de vontade política”, disse Bezerra que vai levar o estudo da CNI aos presidentes do Senado e da Câmara.

Os seis primeiros meses de 1996, no entanto, não deverão ser nada animadores. “Se chegar ao final do semestre com crescimento zero, isso já será positivo”. “Não queremos assustar ninguém, mas sabemos que o período será difícil”, acrescentou.

O grande problema do setor privado, na opinião dele, não é mais preço e sim os custos de produção.